



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA EM LICENCIATURA EM FILOSOFIA

ADRIANO SILVA DOS SANTOS

A CRISE DA RAZÃO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

MACEIÓ-AL

2023

ADRIANO SILVA DOS SANTOS

A CRISE DA RAZÃO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia apresentado a Universidade Federal de Alagoas.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Pereira de Sousa

MACEIÓ-AL

2023

**Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecária: Betânia Almeida dos Santos – CRB-4 – 1542

S237c Santos, Adriano Silva dos..
A crise da razão no mundo contemporâneo / Adriano Silva dos Santos.
2023.
30 f.

Orientador: Francisco Pereira de Sousa.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Filosofia) –
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas,
Comunicação e Artes. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 28-30.

1. Filosofia. 2. Filosofia – linguagem – crise – mundo. 3. Filosofia –
Comunicação. I. Título.

CDU: 101.1

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família, a qual me inspirou em toda essa jornada e a todos os professores e colegas do curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a minha família que sempre esteve ao meu lado me fortalecendo nos momentos mais difíceis, me dando capacidade e discernimento para alcançar todos os meus objetivos, principalmente, os da minha vida acadêmica e familiar.

A minha filha que infelizmente partiu desse mundo, me encorajou e me ajudou nos momentos em que mais precisei, em especial aos meus pais que sempre me apoiaram nessa jornada.

Aos amigos, que conquistei na faculdade e que me ajudaram durante a minha graduação.

A todos que de forma direta ou indireta também contribuíram para minha formação como pessoa, estudante e profissional.

Não poderia esquecer dos professores que me acompanharam durante todo o curso, compartilhando seus conhecimentos e contribuindo com a minha formação, em especial ao meu orientador, que auxiliou na conclusão desse trabalho.

EPÍGRAFE

E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito.

Romanos 8:28

RESUMO

A filosofia é de suma importância para a totalidade da sociedade, sobretudo na educação porque a escola é um ambiente de interação e debate, assim, a filosofia por ser e ter uma visão integradora e universal da totalidade contribui inteiramente em favor da comunicação porque o termo racionalidade implica em algo argumentado, debatido e principalmente compreendido, ou seja, assim conheceremos as condições e os pressupostos dos nossos pensamentos e também os dos outros porque isto é respeitar as regras de coerência do pensamento para que um argumento ou debate tenha sentido, desde modo, é possível chegar a conclusões que podem ser compreendidas e discutidas. Portanto, a filosofia tem necessariamente uma atitude crítica porque através da razão ela irá debater os pré-conceitos, as conclusões precipitadas de um determinado assunto ou tema. A filosofia é essencial na formação do indivíduo porque norteia o indivíduo num momento de crise do pensamento, onde a razão instrumental a cada dia vem dominando e colonizando os nossos sentimentos, a nossa afetividade, a nossa vida. A presente pesquisa é uma explanação acerca da importância da linguagem e comunicação filosófica em meio à crise contemporânea, demonstrando que há uma profunda relação entre o senso comum e a linguagem produtora de saberes e de ações comunicativas.

Palavras-chave: Filosofia. Crise no mundo. Linguagem filosófica. Comunicação.

ABSTRACT

Philosophy is of paramount importance for society as a whole, especially in education because the school is an environment for interaction and debate, thus, philosophy for being and having an integrative and universal vision of the totality contributes entirely in favor of communication because the term rationality implies something argued, debated and mainly understood, that is, in this way we will know the conditions and assumptions of our thoughts and also those of others because this is to respect the rules of thought coherence so that an argument or debate makes sense, in a way , it is possible to reach conclusions that can be understood and discussed. Therefore, philosophy necessarily has a critical attitude because through reason it will debate preconceptions, hasty conclusions of a certain subject or theme. Philosophy is essential in the formation of the individual because it guides the individual in a moment of crisis of thought, where instrumental reason is dominating and colonizing our feelings, our affectivity, our life every day. The present research is an explanation about the importance of language and philosophical communication in the midst of the contemporary crisis, demonstrating that there is a deep relationship between common sense and the language that produces knowledge and communicative actions.

KeyWords: Philosophy. Crisis in the world. Philosophical language. Communication.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. A CRISE DA RAZÃO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO	11
3. A FILOSOFIA COMO DISCIPLINA INDISPENSÁVEL NA FORMAÇÃO DA SOCIEDADE.....	15
4. FILOSOFIA NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO E O PENSAMENTO CRÍTICO.....	16
5. FILOSOFIA E A RAZÃO NO MUNDO.....	19
6. 3.1 RAZÃO INSTRUMENTAL E AÇÃO COMUNICATIVA	21
7. CONCLUSÃO.....	27
8. REFERÊNCIAS.....	28

INTRODUÇÃO

O sistema vem engolindo o mundo da vida, e o mundo da vida está associado ao mundo objetivo, o mundo social e o mundo subjetivo resultado da fragmentação do universo humano. Todos se referem as totalizações diferentes que abarcam desde o processo de relação formal entre sujeitos e instituições formais constituídas das experiências adquiridas pelo sujeito no cotidiano. Dentro deste contexto, o mundo da vida é a relação do mundo objetivo, social e subjetivo representados na totalidade das entidades da sociedade.

No mundo objetivo está exteriorizado aos indivíduos, suas relações são socialmente construídas, situa-se dentro de um aspecto formal. Este mundo formalmente constituído representa a relação de indivíduos e instituições intermediados por ações racionais e linguísticas. O mundo social é aquele que totaliza o processo das relações sociais na vida dos sujeitos. O ambiente cotidiano é o local onde podemos definir a existência desse mundo, pois, é nele onde os sujeitos vivem, se relacionam comunicativamente constituindo novos valores, verdades determinadas a partir do processo social da construção da realidade.

Nesse contexto, cita-se três pontos fundamentais (1), a realidade da vida cotidiana, (2) a interação social na vida cotidiana e (3) a linguagem na vida cotidiana, ou seja, o que é socialmente verdadeiro é socialmente processado pelos sujeitos e legitimamente expressado por eles. Assim, o mundo social é fundamentado pelo conteúdo das relações nas quais o pressuposto de verdade a partir da interação dos indivíduos pelos atos comunicativos é construído como base das ações pela visão do mundo expresso na busca de uma razão consensual (RELA, 2022).

Se os dois conceitos expostos estão situados no universo externo da vida dos indivíduos, o mundo subjetivo se apresenta como um universo interno dos sujeitos, onde se totalizam as experiências vivenciadas e transformadas em conhecimento subjetivo que é reconhecidamente válido e necessário para exteriorizar a ação e razão no aspecto comunicativo (RELA, 2022).

Percebe-se então que a análise da ação comunicativa é uma forma de compreensão social em relação a razão instrumental, pois, na perspectiva instrumental é exposto um reducionismo da racionalidade na sua dimensão estratégica. Como mostra Martino e Marques (2019), o intuito de Habermas não é mostrar a razão instrumental como vilã do mundo contemporâneo, mas, sua

importância estratégica na compreensão do sistema, mesmo que tal racionalidade produza um mundo totalmente administrado e que abafa as aspirações do sujeito que deseja ser livre e/autônomo.

Partindo dessa constatação, esta pesquisa tem como objetivo compreender a importância da filosofia na formação do indivíduo, tendo como base a crise da razão no mundo contemporâneo; além de abordar como a filosofia pode estimular a reflexão, o pensamento crítico e argumentativo do indivíduo, procuramos mencionar como a razão surge nos seres humanos como parte significativa da sua liberdade e afetividade. Por meio dela, o indivíduo pode obter ou construir um pensamento crítico. A racionalidade comunicativa, como ampliação compreensiva do agente comunicativo, não se limita apenas a formalidade normativa da ação, mas, à relações sociais produtoras de liberdade e autonomia.

Ao longo desse trabalho será realizado uma metodologia de pesquisa baseada na revisão da literatura, de caráter descritivo. Em um primeiro momento esse trabalho relata os aspectos, que envolvem a linguagem filosófica na sociedade e, posteriormente, traz uma visão panorâmica sobre o tema da crise no mundo contemporâneo.

1. A CRISE DA RAZÃO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Ao compreender a importância da Filosofia no mundo contemporâneo, é importante entender as possibilidades de apresentar essa disciplina, desde os aspectos envolvendo os jovens que não tiveram contato anterior com a matéria, e os textos filosóficos tão complexos, as dificuldades que a própria disciplina enfrenta. Como ministrar essa disciplina com uma carga horária baixa, onde é oferecida na maioria das escolas uma vez por semana. Sem contar com a falta de recursos, condições das escolas?

Está disciplinada muitas vezes é tratada pelo próprio educando como uma matéria de menor importância dando prioridade às matérias mais cobradas no currículo escolar. Como trabalhar filosofia não simplesmente como uma matéria histórica, mas, fundamentalmente, trabalhar os seus conceitos, suas reflexões como algo importante para a vida do docente, para que ele possa desenvolver um pensamento crítico e argumentativo nas suas relações comunicativas diárias? Principalmente na fase da adolescência, onde os jovens estão passando por diversas transformações características e físicas descobertas de sua personalidade e conceitos do próprio caráter?

A filosofia, se bem trabalhada nas escolas de ensino médio, poderá ajudar a formar cidadãos críticos e conscientes de seus direitos e deveres. A Filosofia não é só uma matéria a mais a ser ensinada: deve ser levada em consideração as ideias principais dos filósofos e seus ensinamentos para a vida diária. Através da educação filosófica os alunos podem ter êxito na sua vida e nas suas futuras escolhas e, desse modo, observar melhor as disposições naturais de cada indivíduo.

Considerando a filosofia diferente de outras disciplinas por apresentar poucos resultados consensuais, para os principais problemas da Filosofia, que continua em aberto não há resposta unânime entre os mais importantes temas como livre-arbítrio, a existência de Deus, e a artes. Diferentes de outras disciplinas que produz resultado é concordância entre os estudiosos da mesma formação (DUARTE, 2022). Não significa dizer que a filosofia não produz: a suas descobertas são muito valiosas, mas, nem sempre está de comum acordo com outros estudiosos do tema.

Os professores de filosofia não podem se prender a uma única didática, nem podem ensinar uma fórmula de como ensinar filosofia, isso que não existe. Sócrates usava o método investigativo (a maiêutica) para chegar ao conhecimento, feito

através de diálogo e reflexão. Mas, na atualidade o indivíduo é mestre de si mesmo. Como nos ensina Paulo Freire (2002, p. 21), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Conforme Murcho (2008), na filosofia podemos trabalhar a realidade social dos jovens, usando a metodologia para que através da educação, a realidade dos jovens possa ser transformada.

A filosofia permite ao indivíduo a oportunidade de desenvolver um pensamento pessoal, crítico e argumentativo se bem trabalhado. Nesta fase, as pessoas estão formando a sua personalidade, consolidando suas características, e a filosofia se bem trabalhada pode auxiliar os jovens neste contexto. A filosofia não é só uma disciplina a mais para ser ensinada, devem ser levadas em conta as ideias dos filósofos para a experiência de vida.

A filosofia apresenta poucos resultados, apesar de ser uma disciplina em aberto, mas nem sempre há uma filosofia consensual sobre alguns temas importantes da disciplina. A filosofia apresenta diferentes resultados e é defendida por diferentes filósofos. Sendo assim os professores de filosofia não podem ficar presos aos livros didáticos, nem podem ensinar uma fórmula para os alunos aprenderem filosofia, fator esse que não existe.

Com a instrumentalização da razão, os seres humanos veem perdendo parte significativa da sua liberdade, da afetividade, principalmente de obter ou construir um pensamento crítico. Razão Instrumental foi um termo cunhado por Max Horkheimer no contexto de sua teoria crítica para designar e estabelecer onde os processos racionais são puramente operacionalizados, ou seja, a razão instrumental surge quando o indivíduo com conhecimento decide que conhecer, dominar e controlar a natureza e o homem (GUEDES, 2002).

Deste modo, a razão se torna instrumental quando a ciência deixa de ser um conhecimento passando a ser um instrumento de dominação, poder e exploração tendo como consequência a escravização do homem, tirando-lhe a sensibilidade, a afetividade. A razão tornou-se um instrumento, a ação comunicativa busca explorar e investigar na condição social, a relação do mundo com os sujeitos, ou seja, uma sociologia da ação comunicativa, do universo subjetivo, uma ação prática da racionalidade dos indivíduos que constituem elementos estruturados na formação da esfera pública na busca da emancipação social (LOURENÇO, 2019).

Habermas tenta capturar várias manifestações da razão nos indivíduos na relação com o mundo, tanto nas ações diretas dos relacionamentos quanto nas expressões simbólicas que tem o papel de intermediar o sujeito e o mundo onde vive. Na sua concepção, a ação racional é concebida numa relação entre três pressupostos: a ação, a crítica e a fundamentação. Neste sentido, o senso crítico funciona para intermediar a razão e a fundamentação. A racionalidade comunicativa serve para uma ampliação compreensiva que dê conta de outras formas de expressividades do agente comunicativo e não se limita apenas a formalidade normativa da ação (LIMA; DUTRA, 2020).

Através do conhecimento e do esclarecimento o homem tem a possibilidade de emancipar-se, este conhecimento não se constitui por verdades ou convicções, mas sim, pela habilidade de posicionar-se, de observar o contexto onde vive. Ter conhecimento consiste em ter a capacidade de utilizar a ação comunicativa. Em linhas gerais, a ação comunicativa é uma análise teórica e uma ação prática do racionalismo como sistema eficiente da sociedade (LIMA; DUTRA, 2020).

O mundo está cada vez mais cercado por máquinas que são pensadas para facilitar nossas vidas, a consequência principal é que nos tornamos cada vez menos livres, menos morais, nos comportamos como máquinas, tendo como resultado uma desumanização.

A tecnologia é considerada confiável, controlável, no entanto, também é responsável pelas desordens ecológicas, monstruosidades, desigualdade e miséria. É um absurdo um mundo com tanto desenvolvimento tecnológico, e existir fome por exemplo. Assim, há inúmeros suportes de informações, neste sentido, somos fatores de produtividade, nos transformamos em mercadorias (LOPES et al., 2022). A ciência e tecnologia trazem também avanços em nossas vidas, a cura de doenças etc. É inegável que o mundo avançou, o que está em questão é que temos mais pessoas especialistas ficando de fora de um conhecimento que humaniza.

A tecnologia pode nos conduzir para o melhor ou para pior: armas por exemplo são fabricadas para destruir em massa. Vale a pena pensar que a tecnologia serve como fonte de pesquisa para criar possibilidades justamente por proporcionar facilidades o homem deixou de pensar, criar argumentos e criar hipóteses (LOPES et al., 2022). A razão instrumentalizada tem caráter capitalista e de interesse individual: Habermas reconheceu a importância da tecnologia para a

produção material da sociedade; no entanto, a colonização embutida pela tecnologia reduz a liberdade humana abdicando de uma interação (LIMA; DUTRA, 2020).

Neste sentido, a tecnologia é um meio em que a razão instrumental substitui a compreensão comunicativa através de objetivos marcados pelo interesse. As pessoas navegam no mundo virtual, e nessa empolgação acabam se distanciando dos ambientes, dos amigos e familiares. Tudo se movimenta com muita rapidez, a Internet movimenta o mundo dos negócios com organizações estratégicas, novas ferramentas que permitem a otimização e a máxima produtividade (FAVERO et al., 2019).

Estamos em um momento em que temos que nos mantermos em constante aperfeiçoamento se quisermos entrar no mercado de trabalho. A internet pode ser mais uma possibilidade de interação, porém, é a lógica da comunicação trocada pela lógica da distribuição. Na visão habermasiana, a crise da razão no mundo contemporâneo se instala devido ao desequilíbrio entre o sistema e o mundo da vida, desequilíbrio também gerado pelos problemas sociais caracterizados pela perda da solidariedade e liberdade que suspende e reprime a capacidade de raciocinar (FAVERO et al., 2019).

Para superar ou reverter esta crise necessita-se muito mais do que uma mera satisfação das carências e necessidades humanas, necessita-se do estabelecimento de interações linguísticas entre os sujeitos, ou seja, é necessário diálogos que possibilitem a construção de consensos que conduzam para uma maior autonomia da sociedade.

Desse modo, uma educação comunicativa é antes de tudo uma relação de interação, pois não tem como objetivo primordial o acúmulo de transmissão de conhecimento, mas sim, no desenvolvimento de uma habilidade de fazer conhecimento através da linguagem. Diante esse contexto surge a seguinte indagação da pesquisa: A educação comunicativa uma vez centrada na intersubjetividade que propõe grandes tarefas como reprodução cultural, apropriação de saberes na formação da sociedade numa investigação social, apresenta uma ação humanizadora de conhecimento vinculado à linguagem junto da prática social? É sobre esta questão que nos debruçaremos mais adiante.

2. A FILOSOFIA COMO DISCIPLINA INDISPENSÁVEL NA FORMAÇÃO DA SOCIEDADE

Segundo dados do site Mundo Educação, desde 2006 a filosofia passou a ser uma disciplina obrigatória na grade curricular e considerada indispensável no Ensino Médio. A filosofia pode trazer benefícios aos alunos, por desenvolver no educando um pensamento crítico e independente. Todas as disciplinas fornecem aspectos consideráveis para desenvolver as habilidades racionais individuais; mas a filosofia oferece condições mais propícias para transformar o educando através da educação.

Iniciado essa investigação vale destacar a obra de Kant (2012), sobre a pedagogia. Esse livro trata da educação de forma geral, não trata especificamente do ensino de filosofia. O livro trata na perspectiva de que o homem é o único ser que precisa ser educado. Para Kant (2012), o ensino tira do homem a sua animalidade, o animal necessita simplesmente de alimentos para sua nutrição. Mas, o ser humano também precisa de educação ou instrução.

O homem precisa de instrução, e dessa forma tira de si o humanismo que também é transferido para os outros. Não se trata de um processo mecânico onde uma geração educa a outra. Segundo Kant (2012), a disciplina representa um papel fundamental para tornar o ser humano, mais humano tirando do homem o seu ser selvagem. A necessidade de ser educado é para que o homem possa conhecer as leis e viver em sociedade, deixando para trás seus caprichos.

As regras sociais que vai passado ao longo do tempo e para que o homem seja polido, de suas origens mais animal e passe a agir com a razão. A disciplina (educação) faz uma oposição à sua liberdade subjetiva, submetendo o mesmo a seguir e cumprir as leis. Para Kant (2012), o homem requer polimento através de uma educação, tirando dela a sua liberdade. Assim considera que quem não tem cultura, não segue as regras da sociedade, e é semelhante a um ser bruto. Kant traz um olhar voltado para o futuro da sociedade com sua reflexão acerca da educação, para que através da educação o homem possa viver melhor em sociedade.

Kant (2012, p.446) traz ainda uma definição sobre a educação: “a educação é uma arte cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações”. Cada

geração, de posse dos conhecimentos das gerações precedentes, está sempre mais bem aparelhada para exercer uma educação que desenvolva todas as disposições naturais na justa proporção e de conformidade com a finalidade daquela, e, assim, guiar toda espécie humana a seu destino.

A educação não pode ser natural no ser humano, no sentido de algo herdado geneticamente, como para muitos animais; para ele, ela é transferida de geração para geração por meio da educação/instrução, e se isso não ocorrer corre o risco de tudo que foi aprendido e transferido para uma geração, ficar esquecido para outra. Conforme Kant (2012), a preocupação essencial do filósofo para com a educação está no campo da moral, a pedagogia kantiana encontra-se no cultivo da boa vontade, e o seu fundamento é que, por meio do exercício crítico da razão, possa-se unir o subjetivo e o objetivo, o individual e o coletivo numa mesma ordem.

Kant (2012) teve muita influência no campo da educação, suas ideias ainda hoje são refletidas na prática docente. Mas, a pedagogia e a filosofia kantiana partem do princípio da universalidade do ser humano, não considerando os contextos específicos que se desenvolve a sua moralidade. E isso é uma problemática para aplicação na prática já que a educação tem as suas especificidades.

2.1 FILOSOFIA NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO E O PENSAMENTO CRÍTICO

Na modernidade, com o advento de um novo eixo de organização e visão social, os saberes surgidos proporcionam que um povo se auto intitule moderno em relação ao outro que foi considerado rústico, bárbaro, sem conhecimento. O branco, europeu, dominador é visto como o emancipador da culpa e responsável por levar a luz aos dominados, isto é, por levar conhecimento, entendido como superior e verdadeiro. Nessa visão, para que o dominado possa modernizar-se, é inevitável o sofrimento das raças que são passíveis de serem escravizadas e do sexo que é considerado frágil. Além do sofrimento, esses dominados devem sentir culpa pelo sofrimento que passaram. Como irá afirmar o filósofo Enrique Dussel,

1. A civilização moderna auto descreve-se como mais desenvolvida e superior (o que significa sustentar inconscientemente uma posição eurocêntrica).
2. A superioridade obriga a desenvolver os mais primitivos, bárbaros, rudes, como exigência moral.

3. O caminho de tal processo educativo de desenvolvimento deve ser aquele seguido pela Europa (é, de fato, um desenvolvimento unilinear e é a europeia que determina, novamente de modo inconsciente, a falácia desenvolvimentista).
4. Como o bárbaro se opõe ao processo civilizador, a práxis moderna deve exercer em último caso a violência, se necessário for, para destruir os obstáculos dessa modernização (a guerra justa colonial).
5. Esta dominação produz vítimas (de muitas e variadas maneiras), violência que é interpretada como um ato inevitável, e com o sentido quase-ritual de sacrifício; o herói civilizador reveste as suas próprias vítimas da condição de serem holocaustos de um sacrifício salvador (o índio colonizado, o escravo africano, a mulher, a destruição ecológica, etcetera).
6. Para o moderno, o bárbaro tem uma culpa (por opor-se ao processo civilizador) que permite à Modernidade apresentar-se não apenas como inocente mas como emancipadora dessa culpa de suas próprias vítimas.
7. Por último, e pelo caráter civilizatório da Modernidade, interpretam-se como inevitáveis os sofrimentos ou sacrifícios (os custos) da modernização dos outros povos atrasados (imaturos), das outras raças escravizáveis, do outro sexo por ser frágil, etcétera (DUSSEL, 2005, p. 29).

Para Dussel (2005), a ideia de modernidade, somente é compreendida por meio da construção do mito da modernidade: é imposta aos outros subalternizados como um processo que não dá abertura para desvios. Torres (2007) explica que a lógica desenvolvimentista parte da visão de si que está fundamentada na tradição filosófica proveniente do pensamento cartesiano: '*Penso, logo existo*', de Descartes, o qual, na versão do colonizador, pode ser tomado como '*Penso, logo conquisto*'. De acordo com o autor, ao afirmar: '*Penso, logo existo*', pressupõe-se dizer '*Penso, logo os outros não pensam*' e '*existo, logo os outros não existem*', negando assim a existência de outros, bem como suas capacidades de produzir conhecimentos, expressar culturas, falar suas línguas originárias e de promover sua religiosidade.

Seguindo essa lógica, ao incorporar a visão baseada do '*Penso, logo os outros não pensam*', também se pode provocar o significado de '*Penso, logo sou superior*', e, por fim, já que os outros não pensam e são inferiores, o dominador apossa-se da noção do '*Penso, logo conquisto*', tendo poder para exercer o que for necessário para a dominação. A modernidade, portanto, nega sua alteridade formada pelos outros, vítimas da modernização (DUSSEL, 2005).

Além disso, diante da noção do mito da modernidade, é como se o professor, fosse detentor de um poder superior em sala de aula e que isso bastasse para que pudesse dizer como os outros aprendem e quando aprendem. Almeja-se romper com o tal *status quo* e libertar-se dessa prática centralizadora, colonial e moderna.

Em relação ao letramento crítico, cabe, neste momento, tratar da questão; porém, antes de detalhar as visões desse conceito, faz-se necessário esclarecer a compreensão da palavra crítica, para um melhor entendimento do tema.

A palavra "crítico" nos remete a vários sentidos; ela pode ser atribuída ao crítico literário, ao crítico musical, por exemplo, cujos trabalhos colocam em evidência suas propriedades intelectuais e práticas, capazes de averiguar as qualidades das obras. Nesses casos, uma pessoa crítica é aquela que tem conhecimento para formar uma avaliação de artefatos culturais.

No senso comum, ser crítico também detém um significado próximo do ser exigente; assim, ouve-se bastante a fala "fulano é muito crítico". A palavra "crítico" também está presente nas áreas do conhecimento, como Linguística Aplicada Crítica e Análise Crítica do Discurso, Educação Crítica, Pedagogia Crítica, entre outras. Cada uma possui um significado específico, por isso acredito ser necessário apresentar a definição adotada nesta pesquisa.

O conceito de crítico está relacionado à noção de quebra do círculo interpretativo, entendida como "um processo de ruptura de um padrão tradicional ou do andamento regular de um determinado raciocínio" (MONTE MÓR, 2015, p. 38). Nesse sentido, ser crítico é romper com o modelo tradicional de interpretação e constituição do raciocínio sobre a vida.

Silva (2015, p. 905) vê "no termo a ruptura de modelos pré-definidos em substituição ou ainda em expansão e percepção da heterogeneidade e da diversidade de representações". Trata-se de uma forma de entender como ocorre a construção de sentidos sobre determinado assunto. Nesse intento, compreendo o modo pelo qual eu produzo significados, quais visões eu consigo enxergar, como e por que eu vejo ou não os outros lados de um determinado assunto. Assim, isso se torna uma possibilidade de se colocar no lugar do outro, ver com outros olhos, buscar os múltiplos olhares, entender como nossas opiniões e ações são construídas e de onde elas partem socialmente.

Ser crítico está, na visão de Monte Mór (2015), relacionado à hermenêutica da suspeita que tem como foco principal o papel de questionar os conceitos tidos como naturalizados na sociedade. O ato de suspeitar "permite revisitar as teorias tradicionais, levando à compreensão de que os sentidos são construídos em seus contextos sociais, culturais e históricos" (MONTE MÓR, 2015, p. 39). Compreendo

que ser crítico, nesse caso, pode viabilizar uma forma de agir socialmente em consonância com o mundo de heterogeneidades e de multiplicidades, uma vez que, por meio da crise, o sujeito pode ressignificar seu ponto de vista.

3. FILOSOFIA E A RAZÃO NO MUNDO

Desde Pascal, a Razão tem suas razões que a própria Razão desconhece: as razões do Coração. Mesmo assim, precisamos dela para a construção de uma ponte entre as “coisas” do coração e as da razão: “A última démarche da Razão consiste em reconhecer que há uma infinidade de coisas que a ultrapassam... Há duas extravagâncias: só admitir a Razão, excluí-la” (Pascal). Depois do fim das utopias, precisamos do humanismo das Luzes como o melhor solo intelectual e moral para construirmos nossa vida em comum (JAPIASSU, 2016).

E para demonstrar que a Razão possui limites, não é onipotente e pode delirar ou enlouquecer. Se não podemos escapar da Razão, compete ao filósofo definir as regras de seu bom uso. Porque os adversários tradicionais das Luzes são o obscurantismo, a autoridade arbitrária, o fanatismo e o integrismo. Os homens sentem muito mais necessidade de buscar segurança e consolo do que liberdade e verdade; pretendem mais defender os membros de seu grupo do que aderir aos valores universais; e aderir a argumentos de autoridade do que à autoridade dos argumentos (JAPIASSU, 2016).

Se levar em conta que a atitude científica sempre desempenhou um papel importante no diálogo entre o real e o possível, perceberemos que o século XVII teve a grande sabedoria de proclamar: doravante, a Razão constitui um instrumento necessário para tratar e resolver todos os negócios humanos e sociais. É proclamada sua autonomia. Doravante, o sujeito humano conhece por si mesmo. Contrariamente à inteligência, esta aptidão estratégica de pensar, tratar e resolver problemas em situações de complexidade, a Razão não um dado natural ou inata, mas um conjunto historicamente construído de procedimentos de cálculo e coerções permitindo-nos operar segundo regras.

Neste mundo do desabrochar do consumo e da comunicação de massa, desaparecem as normas autoritárias e disciplinares e prevalece um individualismo exacerbado. Nele são consagrados e enaltecidos o hedonismo e o psicologismo e se perde a fé num futuro revolucionário e na esperança. Ademais, são desqualificadas totalmente as paixões políticas

e toda espécie de militantismo. E desacreditadas todas as utopias futuristas da modernidade.

Adentrando a liberdade da construção do pensamento crítico é conhecida por conter suas próprias idiossincrasias, sintaxe e expressões. As concepções de significados ordinários não correspondem sempre ao significado jurídico, ou seja, no âmbito da Justiça, as decisões e instrumentos pelos quais a mesma atua, há como que um dialeto próprio (SILVA, 2021).

O dito dialeto, também pode ser definido como jargão, logo, uma maneira peculiar que os pensadores filosóficos possuem a fim de expressar suas ações e significados gerais. No entanto, o próprio conceito de jargão carrega consigo a impressão de um comportamento de nicho, e por isto entende-se como excludente fora dos espaços onde atuam (MOREIRA *et al*, 2010).

Convém destacar que a língua, e sua função, a linguagem, servem de meio para alcançar o outro, e como tal possui códigos intrínsecos, onde a lei geral é a da comunicação realizada de forma clara. A linguagem é um veículo de expressão onde se concretiza a expressão do eu para o outro, desta interação floresce o contato entre os seres, as trocas de informações, o intercâmbio do conhecimento, e também a aplicação da filosofia.

Teixeira (2016) estuda a Ética do discurso em Habermas, buscando entender como o agir comunicativo é concretizado. O conceito de agir comunicativo pode ser classificado como a própria consolidação da linguagem bem-sucedida. Este agir comunicativo pode ser definido como o próprio Discurso. Dentro do tema pesquisado no estudo que aqui se apresenta, é facultado dizer que o Discurso jurídico encontra disparidades em relação ao Discurso popular. Habermas, segundo a pesquisa de Teixeira (2016) entende que o Discurso é uma ação social. Ora, o Discurso jurídico, uma vez que constitui instrumento pelo qual a lei exposta a todos, encontra via de comunicação com a população.

O agir social do Discurso em Habermas é naturalmente voltado ao entendimento. Quando esta compreensão não é encontrada na ação de comunicar, então não há que se falar em agir social. Ainda sobre as definições de comunicação, Teixeira (2016) prossegue:

A comunicação sempre foi um contrato entre as partes envolvidas, bem mais do que a aplicação esquemática da teoria matemática da

comunicação/informação de Shannon, que serviu de base para os primeiros estudos comunicacionais e ainda, de algum modo, os influenciam. Este contrato não envolve necessariamente a ordem de prevalência dos emissores sobre os receptores, a não ser em situações de poder rígidas, onde se impõem ao público determinados discursos. Estes não podem ser apenas sinônimos da fala e da escrita, já que as manifestações comunicacionais jamais se circunscreveram aos limites de ambas. (TEIXEIRA, 2016, p. 5).

No excerto supracitado, traz o conceito de linguagem. De maneira geral, não está centrado numa posição onde há apenas emissor, e o receptor mantém-se calado, pelo contrário, a comunicação aqui apresentada é o da Linguagem orgânica onde há emissão e recepção, e vice-versa.

Teixeira (2016) expõe a questão de a linguagem ser uma visão democrática sobre o agir da comunicação, porém, também destaca quando há uma figura de autoridade, que impõe a seus receptores seu Discurso. É possível ligar este conceito a Linguagem filosófica que não se propõe clara, ou seja, a referida é a representação de uma figura de autoridade emissora que apenas busca ouvintes, não receptores capazes de interagir ou compreender o Discurso.

É interessante denotar que as várias formas de comunicação incluindo as não-verbais. Estes signos de linguagem são entendidos automaticamente e transmite uma mensagem. A relevância de exaltar isto encontra-se na afirmação de que a Linguagem possui tão amplo espectro, que sua consolidação é realizada de múltiplas maneiras. Desta forma, a consolidação da Linguagem, ultrapassa limites linguísticos.

3.1 RAZÃO INSTRUMENTAL E AÇÃO COMUNICATIVA

Habermas é um dos grandes filósofos contemporâneos e fez parte da famosa escola de Frankfurt. Há quem acredite que estamos nos tempos da pós-modernidade; mas, ele faz parte de uma corrente filosófica que poderíamos classificar ainda como herdeira da modernidade, porque ele ainda acredita que o projeto iluminista, o projeto racionalista poderia trazer o progresso para a humanidade. Neste sentido a razão pode ainda libertar o indivíduo da opressão e trazer o esclarecimento.

Habermas está em um contexto histórico diferente, ou seja, aquele projeto de uma sociedade capitalista, industrial e massificada lá atrás estaria muito avançada

porque ele está inserido num contexto de um capitalismo tardio onde existe uma tecnologia avançada junto de uma produção industrial em larga escala e um consumo massificado. Portanto, diferente dos outros membros da Escola de Frankfurt, Habermas mostra um certo otimismo em relação à sociedade porque ele acredita na capacidade de emancipação humana. Assim, Habermas irá teorizar em favor de uma razão comunicativa se contrapondo à razão instrumental.

Este filósofo está convencido que a comunicação é a ação mais executada no dia a dia, ou seja, no nosso cotidiano somos impelidos para dar razões, para sermos mais ou menos razoáveis em dar respostas, isto, é o exercício do agir comunicativo. Este pensador é de suma importância na discussão do mundo contemporâneo porque ele transita basicamente dentro das ciências sociais, dentro do campo da comunicação, política, direito e educação como fatores importantes na formação do indivíduo. Deste modo, é proposto por este filósofo algo bastante ousado, a ideia de que a democracia permanentemente no entendimento entre as pessoas onde prevalecerá se cada ser humano estiver disposto a ouvir e entender ao outro honestamente em uma discussão ou debate.

Evidentemente pode-se ouvir que nós seres humanos não estamos acostumados a ser honestos nas discussões, no entanto, Habermas é bastante radical neste sentido porque é justamente por não sermos tão honestos que é preciso estabelecer regras e modos para que o entendimento possa existir porque todos os indivíduos possuem algo em comum, por assim dizer, a razão. Todos os indivíduos são capazes de discutir sobre qualquer assunto, no entanto, para que ocorra o entendimento teria que haver igualdade entre os indivíduos, ao contrário disso não existirá um diálogo e sim uma imposição.

Na década de 40, Horkheimer e Weber diagnosticaram a impossibilidade de revolucionar racionalmente a sociedade na sua totalidade, sobretudo porque a sociedade contemporânea atende muito mais a barbárie e a violência do que propriamente à racionalidade e entendimento. Assim, eles identificaram a integração progressiva das massas ao sistema capitalista como também a adesão de grande parte dela ao Fascismo e a concentração de poder pelas elites empresariais.

Na obra “Eclipse da razão”, Horkheimer começa a explicar sobre a razão instrumental. Entende-se por ela a racionalidade instrumental na escolha de meios para atingir fins prevalecendo a conservação do indivíduo, ou seja, a razão instrumental se autonomia em relação ao indivíduo. A racionalidade instrumental é

formal porque não importa o conteúdo no conjunto das ideias ou nos princípios. A razão instrumental assume um papel formal porque pode ser vazia de conteúdo.

Deste modo, qualquer invenção descoberta pode ser defendida por esta racionalidade, não importa se irão criar uma bomba atômica ou uma vacina, não importa o conteúdo, o de uma bomba que pode destruir até uma população ou um remédio que pode salvar vidas. O que importa para a razão instrumental é sempre um fim, um resultado. Portanto, a razão instrumental é uma ferramenta para a obtenção de um fim onde o trabalho juntamente com a técnica são utilizados para transformar a natureza.

A razão instrumental divide-se em duas razões, a saber, em razão subjetiva e razão objetiva. A razão subjetiva refere-se a razão do indivíduo e preserva a sua autoconservação. A razão objetiva não retira os princípios e critérios do indivíduo, retira sempre a realidade que o indivíduo estará inserido. Em linhas gerais, a razão instrumental é formal, tecnicista e obviamente não se preocupa com o conteúdo, apenas com a produção. Neste sentido, há um choque histórico entre essas duas razões, a subjetiva e a objetiva, atualmente predomina a subjetiva porque a partir da crise da metafísica não existe mais uma visão integradora do mundo, existe apenas visões parciais do mundo a partir das ciências particulares.

Diante disso, a filosofia tem um papel mais integrador, um papel mais global de analisar a totalidade das coisas, porém, a filosofia foi questionada justamente a partir da crise da metafísica. Portanto, é comum ouvirmos a frase “Kant matou a metafísica”, no entanto, Kant diz que nós não podemos resolver problemas metafísicos porque para ele o nosso entendimento não é capaz de responder por exemplo, o tamanho de Deus ou de onde veio Deus e como ele é.

Neste sentido, não podemos responder essas questões, para Kant nós podemos até responder o tamanho de uma montanha ou do que ela é feita, mas não podemos responder de onde veio a alma ou do que a alma é feita. Portanto, está crítica que Kant sofreu ocorre porque ele colocou certos limites para nós não delirássemos com soluções que simplesmente não tem respostas porque se tentarmos responder de onde veio Deus, não daremos em hipótese alguma uma resposta racional, no máximo alguns irão dizer que Deus é eterno apenas.

Habermas entende que existe uma razão instrumental que são o desenvolvimento de ferramentas, de sistemas, de coisas e de objetos que prezam pela eficiência, que prezam pela produção e por objetivos e metas para serem

alcançadas. Portanto, esta razão instrumental, tão combatida por seus antecessores, também será combatida num certo grau por Habermas, apesar de constituir o seu sistema filosófico, mas apenas como parte integrante e subalterna ao conceito de razão comunicativa.

Na sua ótica, a razão instrumental é a base para o mundo do trabalho e o mundo do trabalho são justamente os contextos profissionais, os contextos acadêmicos onde os indivíduos têm uma maneira de agir bem específica, ou seja, o que está em jogo neste mundo do trabalho é o aprendizado, é o dinheiro e o lucro. Deste modo, é a relação com os objetos que facilita essas atividades. Portanto, no mundo do trabalho a razão instrumental ganha um total protagonismo porque os indivíduos vão atuar focados no alcance dessas metas, no alcance desses objetivos para chegar à eficiência gerando assim uma competitividade.

Em contraposição à razão instrumental, Habermas elabora uma teoria na qual a ação comunicativa coloca-se como núcleo central. A teoria de Habermas procura integrar a linguagem teórica com o discurso prático porque, para ele, a humanidade sustenta-se em torno de grandes projetos e na execução desses projetos. É evidente que há uma coisa em comum e universal entre os indivíduos que é a racionalidade. A racionalidade embasa o que é fundamental para estruturar e organizar a comunicação entre os indivíduos. Em sua teoria Habermas, afirma basicamente que o mundo do trabalho ou sistema é o mundo da ciência, é o mundo da técnica, no entanto, também temos o mundo da vida que é o mundo da nossa sociabilidade, o mundo das nossas afetividades e relações costumeiras.

No mundo do trabalho, temos o agir instrumental que está fundamentado na razão instrumental, na ciência, no saber empírico e este tipo de agir tem apenas uma finalidade, por assim dizer, a eficácia, a busca de um resultado. Visto que, ao falarmos da economia, a busca é o lucro e ao falarmos da política, a busca é o poder, portanto, é puramente técnica e eficiência o resultado. Não existe no campo do agir instrumental uma preocupação com as relações afetivas, a finalidade sempre será o resultado.

Por outro lado, segundo Habermas existe o mundo da vida, este campo é âmbito da sociabilidade, das relações afetivas, ou seja, é onde o agir comunicativo está fundamentado, sobretudo porque a ação comunicativa produz uma linguagem que não tem um interesse e nem a intenção de dominação, sua finalidade é puramente o entendimento, é o diálogo, ou seja, é chegar a um consenso para

atingir o bem estar coletivo. No entanto, este seria o mundo que deveria existir para Habermas, porém, a sociedade impera o agir instrumental, ou seja, a razão instrumental coloniza o mundo da vida gerando um empobrecimento da subjetividade humana e das relações afetivas.

Portanto, no mundo da vida nos relacionarmos com os outros indivíduos por interesse: procuramos nos encaixar ao sistema, e fazer o que o sistema deseja. Nesse sentido, as ações instrumentais no mundo da vida não estão preocupadas com os conceitos de certo ou errado, de justo ou injusto, ou seja, os valores éticos e políticos no mundo da vida quando há essa colonização gera a dominação sobre o indivíduo.

Com a teoria da ação comunicativa, Habermas tenta dar alternativas para uma sociedade melhor. O filósofo concorda com Marx em que o estado está apropriado pelas grandes corporações, ou seja, mercado e estado estão juntos para colonizar as nossas afetividades. Portanto, o mundo da vida é a vida pública, a vida privada, são os indivíduos, assim, por meio da ação comunicativa, do agir comunicativo, através dos espaços públicos, dos debates, da racionalidade do indivíduo e da democrático poderemos chegar ao esclarecimento.

O desejo do sistema sempre será que os indivíduos promovam lucros, portanto, para não sermos dominados e colonizados precisamos construir subterfúgios, espaços públicos para debates afins de desenvolver determinados princípios para que sejam deliberados dentro do estado combatendo assim esta colonização. A ação comunicativa são justamente formas de entendimento que os indivíduos que compõem uma sociedade devem colocar em prática.

Desde modo, a ação comunicativa nos proporciona a consciência que nós somos seres sociais e possuímos capacidades comunicativas e intelecto que podemos usar no intuito de lutarmos por uma condição de vida melhor e de um bem estar coletivo. O mundo da vida é justamente o cenário para o agir comunicativo ser executado porque segundo Habermas não precisamos entender o mundo da vida dentro de uma perspectiva do mundo do trabalho, com um caráter puramente sistêmico. O mundo da vida significa atuar, ter práticas, ter discursos convergir para um entendimento comum.

A vista disso, Habermas compreende a importância da democracia. Inclusive o termo democracia é muito forte dentro do seu pensamento, aliás um dos conceitos mais importantes, justamente porque ele sustenta que numa democracia deliberativa

que implica que os indivíduos participem e reflitam autoafirmando-se por meio da comunicação, a liberdade de expressão, o entendimento e a participação são considerados essenciais para a realização do sujeito comunicativo e emancipado. Mas, para tanto, o ambiente democrático terá que prezar necessariamente pela verdade (que resulta sempre de um consenso democrático).

É evidente que os pontos explanados por Habermas são de suma importância, pois revelam vários problemas que enfrentamos na atual realidade que é a *fake news*. Desde modo, em um discurso deve haver sinceridade, deve condizer com os valores, deve prezar uma correção normativa em conformidade com o contexto. Por isso, o filósofo defende veementemente o valor da esfera pública como um ambiente de debate, porque o debate é um dos combustíveis principais para a democracia.

De acordo com a primeira geração da escola de Frankfurt, Habermas não é tão pessimista, ele busca trazer reflexões que vão tocando as feridas que nós carregamos enquanto coletividade e nem percebemos. Portanto, o conceito de sociedade é complexo porque une a teoria dos sistemas com a aplicação da prática, por isso, sua teoria da ação comunicativa confronta esse sistema porque a comunicação é o mais importante e primeiro elemento da sociedade, pois permite a sociabilidade e a racionalização.

A esfera pública para Habermas vai muito além do âmbito estatal porque ela é constituída por qualquer espaço de interação, discussão e debate. Por fim, a ação comunicativa é proposta visando a emancipação do indivíduo: ela se contrapõe a uma lógica capitalista brutal, a uma lógica da barbárie. Na ótica de Habermas, a comunicação é fundamental para o indivíduo, porque permite a ele a interação para melhorar a socialização e consolidar a democracia. Por conseguinte, a socialização é o resultado de processos individuais e coletivos de comunicação, fundamentado numa ética discursiva que resultará na aplicabilidade, na prática de ações que norteará o indivíduo no mundo da vida.

4. CONCLUSÃO

Através da elaboração do presente estudo, foi possível apresentar o que consiste a racionalidade instrumental numa perspectiva de poder e dominação sobre os indivíduos. Contudo, Jurgen Habermas elabora propostas através da teoria da ação comunicativa como um dos combustíveis para combater o reducionismo racional assim, fortalecendo e protegendo as nossas afetividades através do mecanismo mais importante, por assim dizer, a comunicação. Verificou-se ao longo da pesquisa as ideias fundamentais sobre o contexto da crise da racionalidade no mundo moderno, com desafios que envolvem a tecnologia, a ciência e a perda da sensibilidade das nossas afetividades, sendo assim, também a relação entre a escola, a filosofia a favor da interação e do diálogo entre os indivíduos.

Desta forma, a teoria da ação comunicativa pretende abordar soluções para problemas reais e atuais dos indivíduos, refutando a ideia de reduzir o indivíduo à um mero produto. Diante dos avanços tecnológicos e com o capitalismo em favor sempre do lucro, o indivíduo vem se tornando apenas um produto, onde sua reflexão está sendo anestesiada.

Além disso, não podemos negligenciar a manipulação do sistema sócio econômico nas instituições, sobretudo, na vida da pessoas, no mundo da vida, ou seja, nas afetividades, não importando os sentimentos, mas sim, focado no poder e no lucro.

A vista disso, em uma época em que o indivíduo continua dominado e colonizado, a racionalidade para Jurgen Habermas almeja resgatar a emancipação do indivíduo por meio da razão numa dimensão comunicativa, sobre uma ótica de defesa do consenso e do diálogo entre os indivíduos, portanto, são alternativas em prol do bem coletivo.

Na teoria da ação comunicativa, o pensamento habermasiano fundamentado na comunicação entre os indivíduos procura de certa forma salvar a afetividade coletiva. Podemos dizer que o objetivo é propor uma nova mentalidade acerca da relação entre os indivíduos com a tecnologia, onde o discurso e o diálogo se manifesta inteiramente no agir comunicativo. A racionalidade comunicativa almeja para os sujeitos à sua emancipação despertando os seus sentimentos, assim, desenvolvendo a sua autonomia diante desse sistema interesseiro que acaba instrumentalizando a razão humana.

A teoria da ação comunicativa é o elo entre o mundo da vida, ou seja, o mundo em que vivemos, o mundo da sociabilidade e afetividades com a prática comunicativa. Deste modo, Jürgen Habermas, defende esta mediação das relações em busca da emancipação do indivíduo. A teoria serve para orientar também a escola, como ambiente de interação e reflexão no caminho da construção de uma sociedade capaz de estabelecer formas de vida com base nas relações comunicativas, que enfrentem a alienação e dominação.

O agir comunicativo parte do discurso, ou seja, do diálogo que possibilita a comunicação entre os indivíduos como forma de uma solução racional para a crise da razão na modernidade, com o auxílio de instrumentos reflexivos coerentes para que os indivíduos não percam o mundo da vida, as afetividades.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Newton. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?**. Autores associados, 2022.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro 2005, p. 24-32.

FÁVERO, Altair Alberto et al. Reforma do Ensino Médio no Brasil e crise mundial da educação: uma análise reflexiva da flexibilização das humanidades na educação básica. **Ensino Em Re-Vista, Uberlândia, MG**, v. 26, n. 3, p. 656-676, 2019.

FREIRE, Paulo. **Aprendendo com a própria história**. Vol. 2. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. Ubu Editora LTDA-ME, 2018.

GUEDES, Livia Couto. **A investigação qualitativa e a realidade existencial da escola**. Porto: Centro de Formação do SPZN. 2002.

JAPIASSU, Hilton. A CRISE DA RAZÃO E A REVANCHE DO IRRACIONAL. **ESAFIOS: Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins** –V. 2 – n. 02. p.03-11, jan/jun. 2016.

KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. Editora Brochura. Edição: 1ª. 2012.

LIMA, Francisco Jozivan Guedes; DUTRA, Delamar José Volpato. Democracia supranacional, cosmopolitismo e direitos humanos segundo Habermas e à luz de Kant. **Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)**, v. 27, n. 53, p. 35-62, 2020.

LOPES, Luís Fernando et al. Filosofia da tecnologia. **REVISTA INTERSABERES**, v. 17, n. 42, p. 690-693, 2022.

LOURENÇO, Darlan do Nascimento et al. Ensino de filosofia e razão comunicativa: por uma construção emancipadora da ação educativa. 2019.

MARTINO, Luís Mauro Sá; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. A comunicação como ética da alteridade: pensando o conceito com Lévinas. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 42, p. 21-40, 2019.

MARCONDES FILHO, Ciro. Reabilitando o Positivismo: Francisco Rüdiger “critica” a Nova Teoria da Comunicação. Mas não impunemente. **Revista ECO-Pós,[S. I.]**, v. 23, n. 3, p. 278-307, 2020.

MONTE MÓR, Walkyria. Crítica e letramentos críticos: reflexões preliminares. In: ROCHA, Cláudia Hildorf; MACIEL, Ruberval Franco. **Língua Estrangeira e formação cidadã: por entre discursos e práticas**. Campinas: Pontes, 2015. p. 31-50.

MOREIRA, Nedriane Scaratti; *et al.* Linguagem: termos técnicos e jurídiquês. **Revista Unoesc & Ciência–ACSA**. Joaçaba-SC, v. 1, n. 2, p. 139-146, 2010.

MUNDO EDUCAÇÃO. Filosofia. 2016. Disponível em: <<https://m.mundoeducacao.bol.uol.com.br>> Acesso em 8 mai. 2023.

MURCHO, Desiderio. A natureza da filosofia e o seu ensino. **Educação e Filosofia**, v. 22, n. 44, p. 79-99. 2008.

RELA, Nara. Filosofia do Comportamento Econômico. **Sapere Aude**, v. 13, n. 26, p. 475-491, 2022.

SILVA, Jhuliane Evelyn da. Formação de professores de inglês em tempos (pós)modernos: a criticidade em foco. In: **ANAIS DO XI CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGÜÍSTICA APLICADA**, 2015, p. 904-921.

SILVA, Elson Paulo Araujo. **LINGUAGEM JURÍDICA E A RECEPTIVIDADE DA POPULAÇÃO BRASILEIRA**. 2021. f 30 (Direito), Universidade Estadual de Alagoas – Uneal, Campus VI, Maceió, al. 2021.

TEIXEIRA, Maurozan Soares. Ética do Discurso em Jürgen Habermas: a importância da linguagem para um agir comunicativo. **Revista Opinião Filosófica**, v. 7, n. 2, p. 304-315, 2016.

TORRES, Maldonado. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GOMEZ, Santiago; GROSGUÉL, Ramón (Ed.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 127-167.